

## A DROGA DO TOXICÔMANO: UM LENITIVO PARA A ANGÚSTIA

*Janderson Andrade Rodrigues\**  
*Marta Regina de Leão D'Agord\*\**

### RESUMO

Este artigo origina-se de uma questão clínica a propósito de o consumo de drogas na toxicomania servir de lenitivo para a angústia. À vista disso, pretende-se contrapor e explorar dois pontos de divergência entre elaborações de Freud e Lacan atinentes à articulação entre toxicomania e angústia. Um desses pontos concerne à angústia, acerca da qual, ao contrário de Freud, para quem a castração a antecede e a desencadeia, Lacan localizará a castração não apenas como ulterior, mas como o que permitirá ao sujeito libertar-se de um despertar de angústia. O outro ponto diz respeito à formulação lacaniana acerca de a adesão à droga figurar como uma medida por meio da qual se obtém o rompimento de um casamento com o falo, enquanto que, para Freud, constitui um modelo de casamento feliz.

Palavras-chave: toxicomania; angústia; castração; falta; falo.

### ABSTRACT

#### THE ADDICTED'S DRUG: A LENITIVE TO ANGUISH

*This papers originates from a clinical question concerning drug use in addiction as a lenitive to anguish. In view of this, we intend to confront and explore two points of divergence between elaborations of Freud and*

---

\* Psicólogo do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos da Universidade Federal do Rio Grande (CENPRE/FURG); Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: jandersonrodrigues@hotmail.com

\*\* Psicóloga; Psicanalista; Mestre em Filosofia; Doutora em Psicologia; Professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) e Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: mdagord@terra.com.br

*Lacan pertaining to the relationship between drug abuse and anguish. One of these concerns anguish's location, contrary to Freud, to whose point of view, castration precedes and initiates anguish, Lacan locates castration not further, but as allowing the subject to free themselves from an awakening of anguish. The other point concerns the Lacanian formulation about the adherence to the drug included as a measure by which one gets the breakup of a marriage to phallus, while for Freud, is a model of happy marriage.*

*Keywords: addiction; anguish; castration; the lack; phallus.*

## INTRODUÇÃO

Em seu “Discours de clôture. Journées d'étude des cartels de l'École Freudienne”, numa referência ao caso do pequeno Hans, Lacan (1976) diz que a angústia se localiza precisamente no momento em que o ser humano se percebe casado com o falo e que não existe outra definição para a droga que não aquilo através do qual se possibilita romper o casamento com o falo. Tais considerações repousam, primeiramente, sobre uma torção realizada pelo próprio Lacan na fórmula freudiana a qual põe a castração, à maneira de uma ameaça, como antecedente e fonte de angústia. Ao invés de postulá-la na origem de um irromper de angústia, assim como fizera Freud, Lacan localizará a castração não apenas como ulterior à angústia, mas como o que permitirá ao sujeito libertar-se dela.

Com base nisso, impõe-se, de imediato, outro ponto de divergência entre Freud e Lacan e de que, apesar de não necessariamente opostos, este artigo pretende se ocupar: a relação entre o recurso tóxico e o seu respectivo usuário. Se para o último, como foi visto anteriormente, a adesão à droga figura como uma medida por meio da qual se obtém o rompimento do casamento com o falo, para o primeiro, no entanto, constitui um modelo de casamento feliz.

Assim sendo, buscou-se privilegiar como objetos de análise do presente artigo os trabalhos de Freud e Lacan que permitissem estabelecer um diálogo entre os pontos de divergência supracitados. Isso, entretanto, em detrimento de uma análise que abrangesse em larga medida as considerações freudianas e lacanianas a respeito da atribuição psíquica do recurso tóxico, assim como as vicissitudes do conceito de angústia na obra de ambos os autores.

## UM MODELO DE CASAMENTO FELIZ

Em seu trabalho intitulado “Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II)”, Freud (1912/2003) discorrerá, entre outras coisas, acerca das razões pelas quais a satisfação erótica mostrar-se-á envolta de uma cota de insatisfação. Determinando, dessa forma, para além da parcialidade da satisfação alcançada pela corrente erótica, as flutuações de objeto da pulsão sexual.

De acordo com Freud (1912/2003), a satisfação sexual está marcada em sua origem pela renúncia a um objeto original que um dia se desejou, mas que sucumbiu ao recalque por conta da ameaça de castração. A satisfação sexual, por conseguinte, estará condenada a nunca alcançar a plenitude, pois as vias pelas quais se atingirá alguma satisfação coincidirão, apenas, com uma série infundável de objetos substitutivos do objeto original de que se abriu mão outrora. Isto é, essa cota de insatisfação decorre da falta de correspondência entre o objeto original e o seu substituto.

A substituição de um objeto original por outro pertencente a uma realidade externa consoma, para Freud (1912/2003), o progresso das fantasias sobre a realidade tornando-as suscetíveis de alguma consciência. Para acessar esses substitutos, todavia, precisa-se renunciar ao objeto original. O fracasso desse progresso, segundo Freud (1912/2003), denuncia a fixação em objetos de natureza incestuosa que, não abandonados completamente, permanecem locados e atuantes desde o inconsciente.

A persistência desse quinhão de insatisfação denuncia a desarmonia entre a satisfação vislumbrada por meio desses objetos substitutivos e aquela obtida, de fato, no encontro com eles. O que impõe, a todo o momento, a projeção alhures desse resto de investimento não satisfeito quando na ocasião da satisfação da vertente erótica com o seu objeto. Segundo Freud (1912/2003, p. 182), a “fome de estímulo” a que está submetida a pulsão sexual, em decorrência da insatisfação que lhe está nas bases e que a relança a todo o instante a outro lugar que não onde o sujeito encontra-se e encontrou satisfação, determina, de certa forma, a sua infidelidade a um objeto único.

As considerações freudianas nesse trabalho a respeito do caráter contingente do objeto da pulsão sexual, assim como da parcialidade da

satisfação erótica, contrapõem-se, segundo o autor, à satisfação obtida através do recurso tóxico. Isso porque, na medida em que essa última, ao contrário da via erótica cuja satisfação é relançada sempre num porvir, prescinde desse reenvio ao tornar a substância tóxica imprescindível. Contrastando, assim, a harmonia e a fidelidade do alcoólatra com sua bebida quando comparadas a desarmonia e a infidelidade da corrente sexual com seus objetos. Harmonia tal do bebedor com sua bebida que Freud (1912/2003, p. 182) sugere constituir um “modelo de casamento feliz” do qual nunca poderá gozar o sujeito com seu respectivo objeto sexual.

A partir disso, Freud (1912/2003) adverte os poetas acerca da não coincidência entre as vias pelas quais se dá a satisfação tóxica e aquelas por quais se extrai a satisfação erótica. Ademais, o bebedor encontrar-se-á livrado, por intermédio da satisfação tóxica, dos desígnios e percalços da satisfação erótica.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA DE ACORDO COM FREUD**

É desde os conflitos entre as correntes ternas e eróticas que Freud (1909/1992) analisará a fobia do pequeno Hans e a razão pela qual se deve sua angústia. Tais correntes respondem aos interesses do primeiro dualismo pulsional<sup>1</sup> freudiano, a saber, as antagonísticas pulsões do *eu*<sup>2</sup> ou de autoconservação e pulsões sexuais.

As pulsões de autoconservação seriam todas aquelas que impulsionam o *eu* a agir ao encontro do seu equilíbrio orgânico, cujas metas e objetos estariam muito claramente delineados em consideração às necessidades humanas de sobrevivência. Isto é, as pulsões do *eu* ou de autoconservação visariam à conservação de si mesmo em oposição aos interesses da espécie. De acordo com Freud (1912/1992), as pulsões sexuais, apesar de apoiadas nas atribuições necessárias à vida correspondentes às pulsões do *eu*, responderão aos interesses de conservação da espécie.

A neurose, para Freud, nesse momento específico, comporá o resultado do conflito entre os interesses do *eu* e os sexuais, com a prevalência daqueles relativos às pulsões de autoconservação em detrimento das

pulsões sexuais, cujos representantes sucumbirão ao recalque. No caso do pequeno Hans ver-se-á a instalação da fobia, segundo Freud (1909/1992) como triunfo da corrente terna através da desautorização da sexual por meio do recalque. Isso, entretanto, como adverte Freud (1909/1992), não torna Hans incólume aos reclamos do material recalcado realizados por intermédio dos sintomas que compõem sua fobia.

Vê-se no caso do pequeno Hans o desenvolvimento e a aplicação da hipótese freudiana acerca de a angústia corresponder à libido não satisfeita. Sob a ameaça de castração, caso Hans leve adiante o componente libidinal de que a mãe é objeto, colocar-se-á em marcha o recalque com vista à suspensão do perigo de perda do seu membro. A angústia decorreria, portanto, da operação de recalque sobre o componente representacional da pulsão sexual cuja satisfação traria consigo um perigo ao indivíduo – no caso do pequeno Hans, a perda do pênis.

Faz-se notar que a ameaça feita a Hans de castrá-lo foi, segundo Freud (1909/1992), realizada num intervalo de tempo anterior ao aparecimento da fobia e da angústia. Período no qual Hans pareceu não se importar com o agravo que lhe fora prometido, caso continuasse a se masturbar. Ocasão, inclusive, na qual Hans reage com certo desdém ao replicar a ameaça que lhe foi prometida dizendo que, se cortassem seu faz-pipi, então, faria pipi “com o traseiro” [*Mit dem Popo*] (Freud, 1909/1992, p. 9). Mais tarde, entretanto, segundo Freud (1909/1992), a velha ameaça de castrá-lo feita outrora adquire vigência.

A justificativa para que essa ameaça constitua fonte de preocupação e angústia para Hans num momento posterior à ocasião em que ela teria sido anunciada não corresponde apenas ao fato de Hans já estar suficientemente crescido (Freud, 1909/1992). Mas, como o próprio Freud (1909/1992, p. 31) adverte, pela razão de que “essa querida peça de seu *eu*”, esse apêndice, alcança uma conotação tal no momento da vigência da ameaça que Hans não admite ser dela privado.

Desde então, o autor constata que a angústia corresponderia, então, à “moeda corrente pela qual se transformam ou podem transformar-se todas as moções afetivas quando o correspondente conteúdo representacional tiver sido submetido ao recalque” (Freud, 1915-1917 [1916-1917]/1992, p. 368). À vista disso, a angústia surgirá da desarticulação de uma cota

de afeto do campo das representações quando sob o efeito do recalque. Contudo, ao oferecer a essa representação recalçada um equivalente simbólico, permite-se a inibição do aparecimento da angústia ou, ao menos, seu surgimento sobre determinadas condições, como no caso do pequeno Hans (Freud, 1916-1917 [1915-1917]/1992).

De acordo com Freud (1916-1917 [1915-1917]/1992, p. 373), a respeito do afeto relativo à representação que foi recalçada, “o destino mais imediato desse afeto é o de ser transformado em angústia”. Ou seja, o produto adjacente ao recalque, segundo o autor, é a angústia, enquanto que o sintoma consiste em uma maneira por meio da qual se dará um encaminhamento aos resultados decorrentes da ação de recalque.

Dessa forma, para Freud (1916-1917 [1915-1917]/1992) as neuroses, de maneira geral, passam a compreender mecanismos a partir dos quais se tentará buscar proteção contra a possibilidade de um despertar de angústia desde um contrainvestimento do *eu* com finalidade de conservar o recalque. Na histeria de conversão, o afeto correspondente à representação que foi recalçada sofre o mesmo processo de deslocamento pela via da formação dos sintomas. Entretanto, sua vinculação a outra representação corresponde a uma parte do corpo. Na neurose obsessiva também os sintomas servem enquanto um anteparo à emergência da angústia por constituírem uma maneira de ligar o afeto que sofreu o efeito do recalque. Logo, conclui o autor: “os sintomas só se formam para se subtrair a um irrompimento de angústia que do contrário seria inevitável” (Freud, 1916-1917 [1915-1917]/1992, p. 368).

A partir disso, a angústia passa, então, a ocupar um lugar central na teoria freudiana, pois ela constituiria o efeito imediato do recalque, este que é identificado como a condição de entrada para a neurose, além de a irrupção daquela surgir como motor para a formação do sintoma. Ademais, desde então, a angústia não só figurará como o produto do recalque, mas, também e principalmente, como a promotora do recalque.

Através de um raciocínio análogo, a pena desenvolvimentista de Freud (1916-1917 [1915-1917]/1992) estabelecerá a experiência do nascimento, em que o infans se encontrará inundado por excitações de fontes indiscerníveis por ter sido “arrancado prematuramente do seio materno” – citação que Freud (1916-1917 [1915-1917]/1992, p. 361)

extraí de “Macbeth” (ato V, cena 7) como prototípica das experiências de angústia que se seguirão no decorrer do desenvolvimento. Dessa forma, a separação do *infans* do agente materno constituirá, para o autor, o primeiro estado de angústia a se atualizar toda vez que se interpuser a ameaça de perda de um objeto estimado.

Assim, o conceito freudiano de *Situation der Hilflosigkeit* (situação de desamparo), circunstância suposta à experiência do nascimento, ao qual o autor se dedica no trabalho intitulado “Inhibición, síntoma y angustia” de 1926, explicaria as condições sob as quais a angústia emerge no decorrer da vida. Isto é, ao tentar localizar temporalmente a experiência primordial de angústia, Freud (1926 [1925]/1992) puxa de sua cartola um coelho que ele mesmo irá oferecer em sacrifício. Isso porque, posteriormente, para Freud (1933 [1932]/1991), dificilmente existiriam condições que permitissem algum registro psíquico da situação de desamparo conferida à experiência do nascimento, na medida em que o *eu*, “genuíno almácego da angústia” (Freud, 1926 [1925]/1992, p. 89), não é suposto estar lá desde antes do nascimento.

Freud (1933 [1932]/1991, p. 86) diz o seguinte: “evidentemente, não é o dano na pessoa, que poderia se julgar [enquanto um dano] objetivo, pois não tem por que alcançar significado algum no psicológico, senão o que ele ocasiona na vida anímica.” Em seguida, Freud (1932 [1933]/1991, p. 86) conclui: “o nascimento, nosso arquétipo do estado de angústia, dificilmente pode ser considerado em si como um dano, ainda que talvez comporte tal perigo”. Todavia, não se exclui, com isso, a proposição de Freud acerca de a angústia decorrer de uma experiência nociva ao eu<sup>3</sup>, assim como ela fazer alusão a um tempo lógico “pré-histórico”. Isto é, a angústia associar-se a algo a respeito do qual ainda não se fez estória (ficção).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA DE ACORDO COM LACAN

Segundo Lacan (1962-1963/2005), a angústia ocorre, precisamente, quando a falta vem a faltar e, por consequência, sujeito e objeto terminam por se encontrarem num mesmo plano. Assim sendo, a angústia não

corresponde à falta de amparo, mas, na verdade, à falta de amparo da falta. Se a falta ampara, quando a *falta* falta o sujeito encontrar-se-á sem o amparo da falta e, portanto, desamparado.

À vista disso, a “angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dado pela falta” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 64). Sendo a falta somente, segundo Lacan (1962-1963/2005, p. 147), “apreensível por intermédio do simbólico”, pois “não existe falta no real”, consiste unicamente pela via da falta o que permite a introdução do simbólico no real.

Ao contrário de Freud, para quem a angústia associa-se, como se constatou no caso do pequeno Hans, à ausência do pênis sobre o qual recai a ameaça de castração, para Lacan a angústia implicada no complexo de castração diz respeito a uma presença que é fonte de um certo embaraço. Por isso que, para Lacan, a angústia suposta à iminência da castração não constitui, de forma alguma, o impasse último relativo à neurose. Pode-se dizer, inclusive, que o neurótico a reconhece até muito bem. A esse respeito, Lacan diz o seguinte:

Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias (Lacan, 1962-1963/2005, p. 56).

O que assegura, à vista disso, o vínculo do ser humano com o universo de significações é, de acordo com Lacan (1962-1963/2005), a garantia da existência de gozo por meio de um significante que, inevitável e forçosamente, falta, qual seja, o significante fálico. Por isso que, para Lacan, a consecução da castração coincide com o meio através do qual se permite a subtração de um irromper de angústia. Assim como a angústia, portanto, está ligada a tudo que possa aparecer no lugar que o autor destinou a esse significante faltoso em seu estádio do espelho, o  $-\Phi$ . Lugar esse a que Lacan associou, em seu seminário dedicado à angústia, o fenômeno do estranho [*Unheimlich*] de Freud.

É nesse lugar apontado pelo  $-\Phi$ , onde algo pode aparecer



determinando o surgimento da angústia, que Lacan (1962-1963/2005, p. 55) indica perfilar-se uma relação com uma reserva libidinal que permanece profundamente investida “no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos autoerotismo, de um gozo autista”. Essa reserva derradeira e irredutível de libido, que segundo Lacan (1962-1963/2005) é o rochedo de que Freud tanto fala a respeito da castração, não se investe no nível da imagem especular, além de compor aquilo que anima, eventualmente, a relação com o outro constituído a partir da imagem do semelhante. Mais tarde, Lacan (1974-1975/2002, p. 12) diz que a angústia “é o que, do interior do corpo, ex-siste quando há algo que o desperta, que o atormenta”.

## O ROMPIMENTO DO CASAMENTO COM O FALO

Em seu “Discours de clôture. Journées d’étude des cartels de l’École Freudienne”, proferido em abril de 1975, Lacan (1976) assevera que, diversamente ao que, por vezes, vê-se aventar no discurso freudiano, a castração é, antes, o que liberta o sujeito da angústia. Isto é, a angústia de castração não corresponde exatamente à angústia diante de uma perda que se coloca como iminente, como se constata claramente nos enunciados de Freud acerca da angústia e, mais especificamente, do caso do pequeno Hans.

Em seu “Discours...”, Lacan (1976, p. 268) localiza a angústia em um ponto da evolução do “parasita humano”<sup>4</sup>, a saber, no momento exato em que ele se percebe “casado com sua cauda [*queue*]”. Nesse trecho, Lacan parece fazer alusão à passagem já mencionada anteriormente à qual o pequeno Hans não se mostra aflito com a ameaça de que lhe iriam cortar o seu faz-pipi caso continuasse a se masturbar. Perguntado a respeito de como faria xixi, caso cortassem seu faz-pipi, Hans replica: “com o traseiro” [*Mit dem Popo*] (Freud, 1909/1992, p. 9). Vê-se, na passagem supracitada do “Discours...”, o autor lançar mão de deslizamentos significantes que o termo *queue* possibilita na língua francesa. Em francês, esse significante refere-se tanto à “cauda” ou “rabo”, apêndice relativo à extensão posterior da coluna vertebral observado em certos animais, quanto a “traseiro” ou às “nádegas”, assim como pode remeter a “pênis”.

Assim sendo, o que se pode inferir a respeito da angústia de Hans, desde as contribuições lacanianas a respeito da fobia e do trecho supracitado, é ela não decorrer, propriamente, da ameaça relativa à perda do faz-pipi. Antes de tudo, a angústia de Hans mostra-se efeito da coincidência entre o momento em que seu pequeno faz-pipi tanto se agita e se mostra fonte de excitação e prazer quanto se torna índice daquilo que falta à mãe. Isto é, a angústia se dá com a entrada de Hans no jogo interpelador acerca do lugar que ele ocupa diante do desejo materno. Esse último marcado fortemente pela sua inconformidade com relação à falta do falo imaginário.

De acordo com Santiago (2001), o caso do pequeno Hans ilustra perfeitamente a forma como o sujeito é levado a responder ao enigma do desejo do Outro pela fobia, numa tentativa de barrar a presença massiva da mãe. A fobia de Hans provê um significante pelo qual procurará anular a relação metonímica que a mãe de Hans estabelece com este. Isso, entretanto, em decorrência de o Nome-do-Pai não ocupar seu lugar de metáfora ante o desejo materno (Santiago, 2001).

No caso de Hans, como Lacan (1976) faz notar, o pênis ocupa o lugar destinado ao que deveria faltar no plano especular, ou seja, o falo em sua dimensão simbólica. Desse modo, ao mesmo tempo que Hans vê-se convocado pela mãe a saciá-la em seu desejo marcadamente insatisfeito, descobre-se confrontado com o desejo materno na sua face devoradora.

A fobia persistirá a não ser que, como visto no caso da resolução da fobia de Hans, o falo ganhe uma dimensão simbólica. Isso se constata quando o bombeiro, no devaneio de Hans, desparafusa o seu faz-pipi para lhe dar um maior, colocando-o, assim, como algo removível e, sobretudo, como algo fora do corpo. Dessa maneira, concede-se ao falo uma existência simbólica, como um objeto de troca, situado, ainda por cima, fora do corpo. A angústia de Hans, portanto, ocorre quando, ao se perceber casado com o falo, com aquilo que falta à mãe, este vem se associar ao seu corpo sob a presença de seu faz-pipi.

A partir do que, como assinala Lacan (1976), a angústia localiza-se precisamente quando o ser humano se dá conta do seu casamento com o falo. O que faz com que, por consequência, veja-se impelido a fazer algo com isso sem que se possa desfazer o casamento ao qual se está impreterivelmente submetido. Um matrimônio que repousa, portanto,

sobre a necessidade constante de se assegurar alhures um gozo não redutível ao significante ou especularizável de que se precisa abrir mão no próprio corpo. Isto é, precisa-se deslocar para Outro lugar esse gozo que seria insuportável no nível do próprio corpo.

A operação de castração, ao se efetuar, portanto liberta, como sugere Lacan (1976), o sujeito da angústia. Por isso o impasse de toda neurose não corresponde, para Lacan, à castração em si mesma, mas, sim, à necessidade de sustentá-la em Outro lugar. Dessa forma, a angústia de castração, como indica Lacan (1962-1963/2005), corresponde, acima de tudo, à angústia em sua relação com o Outro, mais especificamente com o não saber que *objeto a* sou eu para o desejo do Outro.

Após asseverar que a angústia decorre, portanto, da constatação de que se está casado com o falo, Lacan (1976, p. 268) diz o seguinte: “tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente bem-vindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não há outra definição da droga senão essa: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi”. Na medida em que a angústia irrompe quando da constatação desse matrimônio indissolúvel com o falo, o qual se encontra investido no próprio corpo, aquilo que permite ao indivíduo furtar-se do afeto de angústia coincide com aquilo que, necessariamente, incide sobre esse casamento rompendo-o. Rompimento esse que se faz oportuno quando, sob condições análogas às que se encontrava Hans, tem-se dificuldades na operação de metaforização do desejo materno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Lacan, acerca do caso do pequeno Hans, a angústia não é desencadeada pela iminência da perda do pênis sobre o qual recai uma ameaça, mas pela intumescência do órgão masculino e a consequente irrupção de um gozo do órgão. Por consequência, ao se situar a angústia na intumescência do órgão masculino abre-se a possibilidade para que, dessa falta imaginária relativa à ausência do pênis na mãe, empreenda-se uma busca com vistas à atribuição de uma significação ao que, inevitável e forçosamente, falta – sendo o Nome-do-Pai o intermediário desse encontro com a dimensão significante na medida em que é a sua função

de metáfora o operador dessa transformação do falo imaginário em simbólico.

Ao final, se a Freud (1912/2003) o laço entre o beerrão e a sua bebida constitui um modelo de casamento feliz, por conta de esse laço não sofrer com a insatisfação envolta nas flutuações de objetos impostas à pulsão sexual para que ela possa se satisfazer, em Lacan a adesão à droga figura como um modelo, como bem nomeou Santiago (2001, p. 170), de “contracasamento com o falo”. À vista disso, Lacan (1976) parece corroborar o que, de alguma forma, observamos à frente da clínica psicanalítica ofertada àqueles para os quais o recurso tóxico tornou-se imprescindível, a saber, a capacidade lenitiva da droga no que diz respeito à angústia.

## REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1909/1992). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. *Obras completas*, v. X. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1912/2003). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II). *Obras completas*, v. XI. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1914/1992). Introducción del narcisismo. *Obras completas*, v. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1916-1917 [1915-1917]/1992). Conferencias de introducción al psicoanálisis. Parte III. Doctrina general de las neurosis. 25ª conferencia. La angustia. *Obras completas*, v. XV. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1920/1992). Más allá del principio de placer. *Obras completas*, v. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1926 [1925]/1992). Inhibición, síntoma y angustia. *Obras completas*, v. XX. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1933 [1932]/1991). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional. *Obras completas*, v. XXII. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1974-1975/2002). *Seminário 22: R.S.I.* Escuela Freudiana de Buenos Aires (publicação não comercial).

Lacan, J. (1976). Discours de clôture. Journées d'étude des cartels de l'École Freudienne. *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, 18, 263-270.

Santiago, J. (2001) *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

## NOTAS

- 1 Sendo que o segundo corresponderá às pulsões de vida e de morte inaugurado no trabalho de Freud (1920/1992) *Más allá del principio de placer*.
- 2 Esse eu da expressão “pulsões do eu” não coincide com o eu objeto de investimentos da pulsão sexual assim concebido no texto de Freud (1914/1992) sobre o narcisismo.
- 3 Esse eu, todavia, possui a conotação sobre a qual discorre o trabalho sobre o narcisismo, ou seja, enquanto objeto de investimentos da pulsão sexual.
- 4 Essa expressão é utilizada pelo autor numa alusão ao trabalho freudiano “Más allá del principio de placer”.

Recebido em 11/11/2013

Aceito para publicação em 16/03/2014